

O mundo dos Psitacídeos

CONTINUAÇÃO 14

GÊNERO POLYTELIS (FINAL)

Nos capítulos anteriores, nas Revistas 53 e 54, falamos sobre o Gênero *Polytelis* (Grupo PC) da Nomenclatura oficial da FOB, especialmente o *Polytelis swainsonii* ("Soberbo" ou "Barraband") e o *Polytelis anthopeplus* ("Papagaio Regente", "Smoker", "Rock Pebbler", "Marlock", etc.).

Alertamos também, que infelizmente, as aves do gênero se sujeitam a hibridismos entre as espécies, o que deve ser evitado.

Divulgamos que na Europa teria surgido uma mutação "amarela" do Papagaio Regente e uma mutação "vermelha" na Austrália, que poderiam ser "importações" de outras espécies. Por exemplo, hibridismo com o *Aprosmictus erythropterus* (o "Red Winged", que tem belíssimas asas vermelhas) e hibridismo com outra ave muito próxima que possui, dentre outras mutações, a Lutino.

Recentemente, tive a oportunidade de ver um híbrido desse gênero, alertando ao criador, que não sabia da procedência daquela ave, do risco do cruzamento.

Repetimos e insistimos: hibridismos não levam à nada, representando degeneração das espécies e transmitindo defeitos às gerações seguintes (perda do desenho e cor, do tamanho padrão, da forma e defeitos na plumagem).

Pior ainda, os híbridos são espalhados para criadores desatentos que introduzem em seu plantel essas aves, sem nenhum critério, com acasalamentos desastrosos e gerações com defeitos graves.

Querem um exemplo?

O *Neophema pulchella* (turquoise), que tentaram introduzir o peito vermelho do *Neophema splendida*.

O que aconteceu? Dificilmente vemos um turquoise que tenha o peito e barriga amarela. Geralmente, grandes infiltrações de vermelho-alaranjado tanto no peito como na barriga. Só vimos um turquoise verdadeiramente com o peito vermelho, que passou por vários criadores e...sumiu!

Não seja vítima do conto da "mutação", adquirindo descartes de hibridismos!

Avisados os incautos, vamos abordar a última ave do gênero *Polytelis*, o belíssimo *Polytelis alexandrae* ("Príncipe de Gales", "Alexandra", "Princesa", "Garganta vermelha" etc).

Originário da Austrália, com tamanho-padrão de 45 cm e peso aproximado de 100 gramas, o "Príncipe de Gales", assim como os seus irmãos do gênero *Polytelis*, encontrou aceitação dos criadores de todo o mundo, principalmente na Austrália e na Europa.

O "Príncipe de Gales" foi descoberto em 1862 pelo ornitólogo Frederick G. Waterhouse, na lagoa de Howell, na Austrália central. Foi denominado "*Alexandrae* de *Polytelis*" pelo naturalista Gould, em 1863.

Polytelis vem do grego (magníficos). "*Alexandrae*" em homenagem à princesa dinamarquesa que casou com o príncipe Edward de Gales, que se tornou o rei Edward VII.

Hábitat na Austrália, freqüente áreas desertas e montanhosas, movendo-se de uma área a outra, onde encontre alimentos.

Em cativeiro, o registro mais antigo aponta que, em 1899, o diretor do Museu Australiano, Sr. A. Zietz e o Jardim Zoológico de Londres teria recebido as aves em 1895, sem sucesso na criação, até 1912.

Em 1825, na Austrália, o criador S. Harvey conseguiu criar 10 aves e o Jardim Zoológico de Adelaide reproduziu o "princesa" em 1936. A partir de então, vários criadores obtiveram sucesso na criação dessas belíssimas aves, sendo quase consideradas domesticadas.

No Mundial de 2003, em Amiens, na França, estiveram presentes 2 quartetos e 6 aves individuais, uma delas pontuada com 93 pontos.

No Mundial de 2004, em Lausanne, na Suíça, maior quantidade de aves e quartetos, (um deles pontuado com 366 pontos) inclusive com presença de mutações (4 aves com pontuação entre 90 e 92 pontos).

No Brasil, os "Príncipe de Gales", como chamamos, já foram vistos em Campeonatos Brasileiros, apresentados pelo tetracampeão Gilmar Fonseca do Criadouro Araras (COS).

Nilton R. Silva (Criadouro Bico-torto) de São Bernardo do Campo-SP (CON) atual campeão brasileiro de Psitacídeos, tem em seu plantel essa maravilhosa ave, "torcendo" pela criação dos mesmos. Na fantástica coleção de psitacídeos de Ricardo Lara Vidigal, falecido recentemente, há vários exemplares devidamente sexados.

CONCEITOS GERAIS

Exemplares adultos apresentam dimorfismo sexual. O macho tem a coroa da cabeça com tom azul mais forte que a fêmea, que na coroa da cabeça tem um azul pálido misturado ao verde.

A garupa do macho é violeta-azul e na fêmea é cinza-azulado.

O bico do macho é vermelho-coral brilhante. Na fêmea, o bico é claro, cor da pele.

Geralmente, as penas centrais da cauda do macho chegam a ser maiores que as da pena laterais em até 8 cm.

Outro fator interessante do dimorfismo sexual do "Príncipe de Gales" é que o macho, quando se torna adulto, na 3ª pena primária em cada asa, desenvolve-se o formato de uma espátula.





“Príncipe de Gales” - Fêmeas



Finalmente, o macho tem a garganta, costas e parte inferior da cauda em tonalidade “pink” (rosa forte).

Evidentemente, esses aspectos sobre o dimorfismo sexual se referem a aves adultas, lembrando, também, que há variação de tonalidades em alguns exemplares filhotes, dificultando a imediata identificação.

Na dúvida, como sempre, sexagem por DNA evita perda de tempo e “acasalamento” de dois machos ou duas fêmeas.

criação

Todos os criadores Nacionais consultados apontam dificuldades na criação do “príncipe de Gales”, desde a dificuldade de obter os exemplares, incidência de ovos claros ou apatia do casal, com a fêmea nunca entrando no ninho.

Em primeiro lugar, obtido o casal, devem

ser seguidas todas as regras básicas do sucesso, as quais não cansaremos de repetir: dedicação, manejo diário, água limpa, verdura, farinha, milho verde, legumes, osso de ciba, areia (“grit”) e muita higiene.

Os australianos e europeus criam no sistema de colônia, por isso criam bem, considerando que vários pássaros em um só local têm maior possibilidade de escolher um parceiro compatível do que com pares escolhidos pelo criador.

Além disso, os machos reagem ao estímulo sexual na presença de outros machos, procurando uma fêmea para alimentar e acasalar.

Claro que colônias são formadas em viveiros de 2m x 2m x 6m de comprimento, com alguns poleiros ou galhos para evitar acúmulo de aves e confrontos. Geralmente o chão é gramado, visto que as aves gostam de ficar “cavando” na grama.

Os “príncipes de Gales”, às vezes, se assustam e se debatem muito. Por isso, evitar a presença de predadores e movimentos bruscos próximos ao viveiro.

Gostam de chuva ou banho de esguicho, vindo até a grade para receber a chuva ou o “banho” artificial.

Entre nós, é quase impossível criar em colônias, pela falta de espaço e falta de aves suficientes, salvo se tivermos muito sucesso na criação.

Enquanto isso, se possível um viveiro ou jaula bem grande para possibilitar maior desenvoltura do casal escolhido. Coloque galhos ou poleiros para condições mais próximas da natureza.

VERMIFUGAÇÃO ESSENCIAL

Estando em viveiros, pelo fato de estarem em contato com o chão, estão sempre sujeitos a contaminação de vermes intestinais. Devem ser vermifugados. Aconselhável dosagem prescrita por veterinário, após análise de fezes (atualmente, há muitos bons veterinários de aves assessorando criadores, informe-se). Também, já temos vermífugos mais eficientes para aves, com ótimos resultados.

ALIMENTAÇÃO

A mesma para todos os psitacídeos. (veja “Brasil Ornitológico” edições 45 e 46 no “Mundo dos Psitacídeos”). Pode acrescentar um pouco de mistura para papagaios, com frutas ou sem frutas.

Existem ótimas sementes para psitacídeos no mercado. Faça da sua criação um ritmo contínuo de tratamento, sem alterações bruscas de alimentos ou trocas repentinas de farinhas.

Não esqueça do cálcio. Pode ser osso de ciba, blocos de argila, blocos na água, etc.

REPRODUÇÃO

Talvez um dos maiores segredos, além do casal compatível, seria o ninho para a “princesa”.

Não se sabe exatamente por qual motivo, as fêmeas tem o costume de “pular” em cima dos ovos, vindo a quebrá-los.

Fêmeas novas chegam a botar, e se não quebram os ovos, acabam por abandonar o ninho.

Outras fêmeas, aproveitando os ovos quebrados, acabam comendo todos ovos.

Quanto ao tamanho do ninho, europeus e australianos têm a mesma opinião:

- Altura 60 cm, largura e comprimento de 20 cm de cada lado, com furo de entrada de 8 cm, com um poleiro, para facilitar a entrada da ave. Agora, mentalizadas as medidas acima, imagine que o ninho tenha que ser colocado em um ângulo de 45° no viveiro ou na jaula. Logo, a parte do fundo do ninho terá que ser de forma a que fique reta em relação à inclinação, para que a fêmea possa botar seus ovos.

Essa foi a solução que encontraram para que a fêmea não pule diretamente sobre os ovos. O ninho está inclinado e ela terá que descer de lado, caminhando, até chegar nos ovos.

Hoje, já encontramos ninhos em forma de “L”, muito usados para Loris, que também evitam que a fêmea pule diretamente sobre os ovos. Acredito que também deve solucionar o problema.

Ideal que na parte do fundo do ninho tenha uma portinhola para inspeção de ovos e filhotes, sem necessidade de ter que retirar o ninho.

Colocar no fundo do ninho serragem (maravalha) ou mistura de cascas de madeira velha.

Casal compatível, o macho começa a “chamar” a fêmea constantemente, movendo a cabeça de um lado para outro, parecendo que quer mostrar cada olho alternadamente. Ao mesmo tempo, dilata as pupilas de seus olhos e levanta uma pequena crista da cabeça.

Às vezes a fêmea se mostra indiferente aos cortejos do macho, mas logo começa a aceitar que seja alimentada por ele e aceita o acasalamento, que pode ser no poleiro ou no chão do viveiro ou jaula.

Entrando no ninho, fará a postura em dias alternados de 3 a 6 ovos. Somente ela choca os ovos e a incubação será de aproximadamente

artigo

18 dias, contados do primeiro ovo e assim os demais.

Evite assustar a fêmea durante o choco, para evitar o abandono ou quebra dos ovos. Da mesma forma, se ela sair do ninho para exercitar-se e fazer suas necessidades, evite assustá-la para que não entre no ninho apavorada.

Perdida a postura, a fêmea iniciará novo ciclo. Nesse caso, europeus e australianos colocam um novo ninho, tirando o anterior.

Nascidos os filhotes, mantenha sempre bastante alimentação de todo o tipo para os pais (farinhada, verduras, legumes, milho verde, maçã, trigo pré-germinado, etc). Não deixe restos de comida, para que não fermentem.

Filhotes crescidos (7 a 10 dias) procure anilhá-los (anilha oficial FOB diâmetro 5,5). Deixarão o ninho em 6-7 semanas e logo se tornarão independentes.

A diferença entre machos e fêmeas começará a aparecer em torno de 8 a 9 meses.

Charles Hibbert, criador australiano assevera que não tem conhecimento da idade provável do “príncipe de Gales”, mas tem notícias de fêmeas que tiveram ovos férteis por 35 anos!

Exagero ou não, todos adoram essas aves, que se acostumam com seus donos chegando a “chamá-las”, com um som característico quando notam a sua presença.

MUTAÇÕES

AZUL - A primeira mutação ocorreu em 1950-1951 na Austrália, no criadouro de George Ruddle e em 1958 na Holanda. É autossômica recessiva.

Significa que o gene “normal” é dominante sobre o gene azul, que é recessivo ou oculto. Para que o caráter azul venha a ser exibido no exemplar, este terá que ter dois genes azuis. Assim, tanto machos como fêmeas podem portar o fator azul.

LUTINO- Apareceu na Holanda em 1958 e houve a criação com sucesso em 1975 na Alemanha por D.Meyer. Esse fator, também, é autossômico recessivo.

Ambos os fatores (azul e lutino) quando presentes nos acasalamentos, resultarão em 9 diferentes possibilidades, sendo uma delas o ALBINO.

VARIAÇÃO DE COLORAÇÃO — Teria

surgido o “príncipe de Gales” vermelho. Seria uma influência geral do rosa-pink sobre o corpo da ave. Não há consenso sobre essa possível “mutação”. Especialistas sugerem que a influência da cor decorre de descontrole metabólico da própria ave na alimentação.



“Príncipe de Gales” - Mutação Azul

Aguardam novos exemplares para confirmar se é mesmo uma nova mutação.

Especialistas, também, têm sugerido que há diferentes tonalidades de cores no “príncipe de Gales” e seriam 3 subespécies. A primeira, seria uma ave com brilhante colorido, com

pequena diferença entre o macho e a fêmea. A segunda, em que o macho tem mais brilho que a fêmea, com bico laranja, enquanto a fêmea teria o bico marron. A terceira, seriam aves com cores mais apagadas, com a cor verde tendendo para acinzentado.

Com todo o respeito aos especialistas, sem pretender ser o dono da verdade, acredito que essas “variações de cores” decorrem da possibilidade de cruzamentos de aves do mesmo gênero, produzindo variação de cores, com hibridismos indesejáveis. Infelizmente, até constringido de ter que divulgar este absurdo, George A. Smith, em seu livro “Loverbirds and Related Parrots” e Charles Hibbert garantem que criam o “príncipe de Gales” com...Red rumped. É demais! Não é preciso dizer mais nada!

Assim, encerramos o Gênero *Polytelis*, transmitindo as pesquisas encontradas e informações colhidas de criadores e na Rede mundial, esperando ter colaborado para que o “Príncipe de Gales” seja reproduzido com sucesso.

NOTÍCIAS

“O grito dos Excluídos” — Uma pesquisa divulgada recentemente, apontou uma nova categoria de animais que inspiram cuidados dos ambientalistas: são os excluídos. Em artigo publicado recentemente pela revista científica “Nature”, o zoólogo mineiro Gustavo Fonseca, vice-presidente da organização ambientalista “Conservation International”, calcula que aproximadamente 12% das espécies ameaçadas no planeta ficaram de fora das

“Príncipe de Gales” - Casal - Mutação Azul
(o macho está com a pupila dilatada).
Ao fundo, um tipo de ninho para a criação





“Papagaio das asas amarelas” - (*Ognorhynchus icterotis*)

unidades de conservação. Desses animais que vivem ao léu, cerca de 6% vivem no Brasil. Entre as que ficaram de fora das áreas protegidas, há algumas com forte apelo visual, que poderiam virar símbolo de conservação. São animais, como o papagaio das asas amarelas, (*Ognorhynchus icterotis*) encontrado na região colombiana dos Andes (e também no Equador), o morcego negro

das Ilhas Comoro, no Oceano Indico e a perereca de folhagem com perna reticuladas da Mata Atlântica Brasileira. Em fevereiro deste ano, na Malásia, durante a Convenção de Biodiversidade, um grupo de 180 países assinou um acordo com metas para evitar o desaparecimento das espécies. Tem à disposição uma verba de US\$ 400 milhões da GEF, o fundo das Nações Unidas para o

meio ambiente. Os pesquisadores imaginam que para proteger todos os bichos, inclusive os hoje excluídos, só nos países em desenvolvimento, um investimento total de US\$ 1 bilhão”. (Número de espécies em perigo, que ficaram fora das unidades de conservação: Em estado crítico: 300; Ameaçadas: 237 ; Vulneráveis: 267) (Fonte: Época nº 308-Abril/04).

Psitacídeos (e outras aves) mais tristes!

Faleceu recentemente (8/2/04) o Dr. Ricardo Lara Vidigal, ex-Diretor do Banco Mercantil, que, dentre tantas outras atividades, tinha a paixão por aves, no Morumbi. Tinha uma coleção fantástica e mais de 2.000 aves, inclusive com a maioria dos psitacídeos, pelos quais tinha uma especial admiração, não medindo esforços para sua aquisição. Era credenciado pelo IBAMA. Não se sabe de qual clube seria associado. O certo é que na sua mesa de trabalho mantinha sempre aberta a Revista da FOB “Brasil Ornitológico”. Leitor assíduo do “Mundo dos Psitacídeos”, sempre buscando informações. Sempre nos atendeu com cortesia, em meio a tantos afazeres. Que a sua paixão continue transmitida aos familiares e que possa estar junto a Deus admirando todas as aves do paraíso.